

A LITERATURA INSULAR E SUA CIRCULAÇÃO LITERÁRIA ENTRE PORTUGAL, BRASIL E CABO VERDE

Renata Soares Quintão

“Nem eu sei quando nasceu no meu espírito este amor pelos povos minúsculos, pelas repúblicas em miniatura, por todos os que vivem isolados no planeta.

As pequenas ilhas, sobretudo, fascinaram-me, porque permitem observar melhor o homem entregue a si próprio, fechado sobre si mesmo e, simultaneamente, dispersos no infinito, entre mar e céu no inconsciente até do labor psíquico por ele realizados perante o eterno limite. A nostalgia deve ter nascido numa ilha e só numa pequena ilha se compreende, integralmente, o sutil significado de distância”¹.

(Ferreira de Castro)

E assim, inicio este simpósio da ABRALIC fazendo das palavras de Ferreira de Castro, as minhas. Palavras fortes que me impulsionaram a estudar, pesquisar, escrever e trabalhar com este tipo de literatura, que é ao mesmo tempo tão rica e sofrida.

O período aqui trabalhado é justamente aquele da literatura de ênfase social dos anos 30, de onde a consciência social vem dos setores marginalizados – o insulamento, o isolamento dos núcleos humanos, a geografia acidentada, o homem e o meio, que vivem dentro de uma comunidade de homens isolados.

O crítico português, José Osório de Oliveira, figura importantíssima para a circulação literária entre Portugal, Brasil e Cabo Verde escreveu um texto com o título “Palavras sobre

Cabo Verde para serem lidas no Brasil”, alertando e afirmando que os cabo-verdianos precisavam de um exemplo que a literatura de Portugal não lhes podia dar, mas que o Brasil lhes forneceu. Assim, as afinidades existentes entre Cabo Verde e os estados do Nordeste do Brasil predispunham os caboverdianos a compreender, sentir e repensar a identidade do

¹ CASTRO, Ferreira. Pórtico - Terra Fria, 12.ed. 44ª Milhar. Lisboa: Guimarães, 1980.

arquipélago – uma identidade regional repensada em termos sociais, ou seja, o próprio problema de Cabo Verde e não do centro do domínio colonial português.

Até 1460, quando foi descoberto pelos portugueses, o arquipélago de Cabo Verde era inabitado. O povoamento teve início em 1462, com a chegada dos colonos portugueses e dos escravos africanos. A história de Cabo Verde tem a peculiaridade de ser uma história de mestiçagem e de encontro de culturas. Cabo Verde funcionava como um entreposto de escravos, onde eles eram selecionados. A maioria de sua população proveio da Guiné, de onde foi arrancada pelos colonizadores para trabalhar em plantações de tabaco, café e cana de açúcar.

Como em todo processo de colonização, lá também houve a imposição da cultura de dominador que foi assimilada, sob a égide da violência. Foi a colonização portuguesa que obrigou o cabo-verdiano a falar o português, em detrimento do crioulo, sua língua comum e afetiva, assim como ocorreu no Brasil com a língua tupi. Essa troca de culturas resultou um forte sincretismo, semelhante ao que ocorre em nosso país, e que pode ser percebido em estados como o da Bahia, por exemplo. A luta contra o colonialismo foi longa.

A produção cultural cabo-verdiana é, infelizmente, pouco conhecida; contudo a qualidade literária e musical representa manifestações de riquezas características de um povo espalhado entre Cabo Verde e outras terras que não são de Cabo Verde. A literatura de Cabo Verde tem seu início geral na década de 30, apesar de algumas manifestações serem encontradas no século XIX. Em 1935, Jorge Barbosa publica seu livro *Arquipélago*, apontando para temas que são trabalhados a partir da revista *Claridade*.

Fundada em Março de 1936, a revista *Claridade* foi a primeira manifestação intelectual de conjunto da elite crioula que significou uma viagem no movimento literário de Cabo

Verde. Segundo os seus mais ilustres representantes: Jorge Barbosa, Baltasar Lopes, Osvaldo Alcântara e Manuel Lopes, a preocupação essencial residia na análise do processo de formação social do arquipélago e no estudo das suas raízes. Esses intelectuais, que na sua concepção estética se inspiraram no movimento português nascido em torno da revista *Presença* e na literatura brasileira, distinguiram-se na poesia e na ficção, bem como nos ensaios sobre as estruturas sócio-culturais do arquipélago.

“Os escritores do movimento Claridade, condicionados pela sua formação ideológica, adotaram um ângulo de visão de “classe” para abarcar o universo insular. Como produto esteticamente acabado do elitismo, ela passou ao lado do clamor das massas das ilhas”².

A revista pretendia afastar-se dos cânones portugueses e tornar-se a mais autêntica expressão do povo cabo-verdiano, ou seja, pretendia cabo-verdianizar a literatura, em um processo semelhante ao que passou a acontecer no Brasil através da Semana de Arte Moderna. Temos assim o processo de aculturação em Cabo Verde.

Logo, graças ao Modernismo Brasileiro e principalmente à Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo em fevereiro de 1922, Cabo Verde passa a sonhar e querer a sua própria Literatura. A Semana de Arte Moderna teve como objetivo: divulgar o que ocorria nas artes e nas letras dos países europeus e incentivar produções pioneiras ou vanguardistas no Brasil.

Assim, no início do século XX, no Brasil já se mostrava os graves contrastes sociais que persistem até hoje e que um pouco mais tarde resultaria num movimento puramente brasileiro, em defesa dos humildes, dos injustiçados e dos marginais. Pois, nas grandes concentrações urbanas, com suas avenidas iluminadas e alternativas de lazer, como teatro, cinema e espetáculos musicais, conviviam os burgueses, desfilando em seus automóveis

² ANDRADE, Mário de. *Antologia Temática de Poesia Africana*. 3.ed. Lisboa: Sá da Costa, 1980. p.05.

importados e discutindo os recentes lançamentos artísticos e culturais do exterior, e as pessoas pobres, muitas analfabetas, sem acesso aos mais elementares bens do capitalismo.

Após a Semana de Arte Moderna, a segunda fase do Modernismo brasileiro é essencialmente regionalista. Saindo do eixo Rio - São Paulo, a ficção brasileira descobre o convívio problemático entre proprietários e não-proprietários, ricos e pobres, alfabetizados e analfabetos, num quadro que expõe os desníveis socioeconômicos decorrentes da colonização e nunca combatidos. Entram em cena problemas como a luta pela terra, a seca, a decadência dos engenhos no sudeste da Bahia e nos estados do Nordeste, os conflitos de gerações, o ser humano e os animais apresentados como “sócios da fome”.

E foi assim que, José Osório de Oliveira, deu sua interferência na literatura caboverdiana que, de passagem por Cabo Verde vindo do Brasil, daqui levava uma bagagem especial, arrumada em sua convivência com os paulistas de 22. Jorge Barbosa lera para José Osório um poema a que dera o título de “O banho de Diana”. E José Osório, surpreendido, confessava: *“Eu olhava em volta, e via as montanhas nuas como ossos, aquela terra que grita de sede desde o dia em que surgiu das entranhas do globo, e , em face, o mar como um apelo a gentes condenadas. E falei ao poeta, pouco mais ou menos assim: Então você é filho de Cabo Verde; vive aqui, neste pedaço doloroso da terra nunca viu delícia do mundo que é o Mediterrâneo, nem sabe o que é a doçura de uma fonte, e põe-se a cantar esse tema , tratado por tantos poetas e que só por sugestão literária pode sentir, quando tem aqui, a seu lado , uma paisagem e um povo cujo drama está a pedir uma voz que o interprete para se fazer escutar”*³.

Então

“através da interferência de José Osório, embora tonalizada por uma perspectiva ainda europeizante : o caboverdiano Jorge Barbosa, como os brasileiros de 22 e seus continuadores, acabou por exercitar a leitura da realidade caboverdiana com lentes próprias, pelo corte arqueológico das camadas culturais de seu país, revolvendo os

³ “Apresentação”, em Poesia de Cabo Verde. Lisboa: Agência Geral das Colônias”, 1944.

escaninhos da memória nacional”⁴.

Desde então, fica nítido o intercâmbio modernista, da Literatura Brasileira com as africanas de língua portuguesa, principalmente com a Literatura Cabo-verdiana que também está redescobrando suas raízes e busca força e determinação na fecundação cultural entre os povos-parentes de lá e de cá.

Ora aconteceu que, por essas alturas da circulação literária caíram nas mãos dos escritores caboverdianos, em sistema de empréstimo alguns livros que foram considerados pelos próprios, essenciais para sua realização literária, como os de Jorge Amado, de José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Amando Fontes, Rachel de Queiroz, de Marques Rebelo, Érico Veríssimo e José Américo de Almeida.

É necessário salientar que esses nossos regionalistas da década de 30, abriram o caminho para os demais e mantiveram à frente desse movimento sócio-realista. E aproveitando o ensejo deste momento, nada melhor que resgatar e lembrar, obras brasileiras que muito contribuíram para a auto-afirmação da Literatura Caboverdiana, e a semelhança de ambos os países quanto à questão do isolamento (principalmente na região Nordeste do Brasil) e do insulamento (próprio das ilhas Caboverdianas).

Sobressaem desse conjunto duas obras primas, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos e *O Quinze* de Rachel de Queiroz, que aqui serão retratadas já que impulsionaram portugueses e caboverdianos a repensarem sua identidade. E mais, no âmbito inovador, despertam para uma literatura não com heróis pré-fabricados, mas com os povos humildes e isolados do planeta.

Em 1930, surge *O Quinze – romance* de estréia de Rachel de Queiroz, inspirado na seca de 15 que assolou o interior do Ceará, com efeitos devastadores. Por retratar a seca em

⁴ SANTILLI, Maria Aparecida. “Ecos do Modernismo Brasileiro (entre africanos)” *Africanidade*. São Paulo: Ática, 1985. p. 27.

toda a sua dramaticidade, causou um grande impacto. Duas histórias praticamente se alternam na obra, em meio à desolação provocada pela seca. A primeira é de cunho social e apresenta os efeitos da seca sobre o sertanejo e as conseqüências acarretadas tanto para o vaqueiro Chico Bento que se vê obrigado a empreender a retirada a pé com a sua família, submetendo-se aos riscos mais tortuosos da miséria como para Vicente, grande proprietário e criador de gado que vive preso às suas raízes e dedica com o maior empenho à fazenda e à difícil sobrevivência do gado em plena seca. A segunda destaca-se no plano individual – a relação afetiva entre Vicente, moço puro mas rude, e Conceição, moça culta da capital. Conceição procurava sua identidade numa sociedade patriarcal, recusando o amor de Vicente. Diante da situação de miséria provocada pela seca, Conceição auxilia os retirantes e adota uma das crianças de Chico Bento.

E, *Vidas Secas* (1938),

“além de ser o mais humano e comovente dos livros de ficção de Graciliano Ramos, é o que contém maior sentimento da terra nordestina, daquela parte que é áspera, dura e cruel, sem deixar de ser amada pelos que a ela estão ligados teluricamente. O que impulsiona os seres desta novela, o que lhes marca a fisionomia e os caracteres, é o fenômeno da seca. No primeiro capítulo, Fabiano e a sua família são retirantes, em busca de um novo pedaço de terra. Alojaram-se como servidores de uma fazenda, e é aí que vamos conhecê-los através de alguns episódios e muitos monólogos. A cada figura da novela – Fabiano, Vitória, sua mulher, o menino mais velho e o menino mais novo – o romancista dedica um capítulo, que é como que um retrato de caracterização, em que o próprio personagem se apresenta ao leitor. Da família também faz parte a cachorra Baleia, e o capítulo que lhe é dedicado se acha revestido de uma humanidade talvez maior que a dos seres humanos, sendo esta uma de suas páginas mais famosas. Por fim, também a nova fazenda é atingida pela seca; e Fabiano se decide a partir, numa outra etapa do seu destino de movimentar-se sempre como um judeu errante em busca de uma nunca atingida terra da promessa. O final do livro é uma retirada, como o princípio fora uma chegada, dentro de uma fatalidade que o romancista sugere ao dizer que eles “dali se

afastavam rápido, como se alguém os tangesse”⁵.

Em Portugal, na vigência do movimento presencista começa a surgir as primeiras reações contrárias, motivadas pelo repúdio ao seu caráter estético e pela descoberta da ficção brasileira e norte-americana dos anos 30, de fisionomia sócio-realista. Era o advento do Neo-Realismo, que por sua vez, surgia com a proposta de uma literatura confiante na dinâmica do processo histórico-social, que se colocava a serviço da eliminação das injustiças e da desigualdade social.

No exame das manifestações precursoras do Neo-Realismo, há que levar em conta o fato de Ferreira de Castro vir fazendo desde 1928 uma ficção bastante parecida com aquela que os neo-realistas objetivavam criar. E, é através de uma de suas obras que a minha análise se desenrola – “Terra Fria”.

Terra Fria surge em 1934, num discurso que equilibra o problema social, o espaço hostil barrosão com o drama pessoal da personagem. Mostra o autor em disjunção com a realidade dura e fria de Barroso e as personagens em conjunção com o ambiente, presas e alienadas à mística da Terra. E são dele essas palavras:

“Depois da minha estada em Andorra, desejei conhecer esta gente barrosã, humilde e boa, que vivia no extremo de Portugal como se vivesse no extremo do mundo e que, formando paralelo com os camponeses daquele pequeno principado me atraía com os seus hábitos patriarcais e a sua existência à parte entre montanhas e céu. Um dia, resolvi deixar Lisboa e ir auscultar o coração humano que palpitava nessas bravas serranias”⁶.

Em *Terra Fria*, não há o recurso da experiência vivida, mas o estudo “in loco” do quadro psico-social dos barrosões. É um romance em estilo reportagem com pesquisa social, o

⁵RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*; posfácio de Álvaro Lins. 62ed. São Paulo: Record. 1992. p. 153.

⁶ Idem 1, *ibidem*.

lado jornalístico de Ferreira de Castro.

Temos em “Terra Fria” o tema do infortúnio (infidelidade) conjugal, diretamente ligado à condição social. O tema do emigrante (o ir e vir) em que o “Americano” “Brasileiro” (Jorge Santiago), seduz Ermelinda esposa do lavrador Leonardo. Ermelinda por ciúme assassina Jorge Santiago e Leonardo assume a culpa. E assim Leonardo reconstrói sua vida ao lado de Rosália, ajudado pelo amigo Artur Lopes, “brasileiro”, enquanto de retorno à terra barrosã.

Mas, foi em 1940, com o lançamento de Gaibéus, de Alves Redol – o marco inicial do Neo-Realismo. É que Alves Redol, bem como os contemporâneos de geração, havia descoberto semelhança entre o drama dos pobres gaibéus, autênticos servos da gleba, e os retirantes nordestinos, escoraçados pelas secas e a fome, e os “oakies” famintos e miseráveis. Gaibéus (capinadores, como se diz no Brasil) retrata a vida dos humildes trabalhadores rurais do Ribatejo, em Portugal.

Agora, mergulhando no Neo-Realismo caboverdiano, não posso deixar de mencionar uma obra que para mim é uma das que mais representa esse período em Cabo Verde, *Os Flagelados do Vento Leste* de Manuel Lopes.

“Portador de uma forma nova, local, linguisticamente caboverdiana, elaborada no relato concreto das agruras da comunidade insulada de seu povo, Manuel Lopes revelou-se o esclarecedor ímpar das oscilações sociais de sua terra-Mãe, na década de 1940, graças ao seu melhor arauto literário – Os Flagelados do Vento Leste”⁷.

Manuel Lopes na procura de novos rumos para a literatura de sua terra, cria um paralelismo amargo entre os escritores nordestinos brasileiros e os escritores caboverdianos, sob o denominador comum do enfoque maldito das Secas e dos Retirantes.

⁷ LOPES, Manuel. *Os Flagelados do Vento Leste* - Prefácio de Luiz Romano. ed. São Paulo: Ática, 1979.

Os Flagelados do Vento Leste é o símbolo de uma constatação sofrida pelo autor nas suas próprias entranhas, atingido na sua sensibilidade pela visão da tragédia da Fome. Manuel Lopes trata especificamente da população rural da vizinha ilha de Santo Antão, que conhece na convivência do cotidiano.

“Os Flagelados” divide-se em duas partes. Na primeira: a saga da família de José da Cruz, a seca, o desespero e a fome. E também há a esperança que a chuva caía e a vida melhora. Na segunda: a luta do filho de José da Cruz “o Leandro” pela vida. A vontade de escapar daquela vida trágica que o persegue desde criança. O filho continua a saga persistente de sua família que não consegue sobreviver à fome e à seca. Fala dos meios ilegais de Leandro para conseguir alimento, seu romance com Libânia e a perda total da esperança.

Como diz o poeta da insularidade Ovídio Martins:

“Somos os flagelados do vento leste! / Morremos e ressuscitamos todos os anos/ Para desespero dos que nos impedem/ a caminhada/ Teimosamente continuamos de pé/ num desafio aos deuses e aos homens/ E as estiagens já não nos metem medo/ Porque descobrimos a origem das coisas”⁸.

E, resistindo sempre, não só “o homem caboverdiano”, mas “o homem nordestino” e “o homem barrosão” acabaria por dar-se conta que ambos vivem “ilhados”, isolados naquelas regiões, onde o ser humano foi esquecido e deixado à mercê da Atrocidade.

Porém, o “ilhéu” existe, pois, porque resiste. E nisto consiste o seu drama, mas também o seu mérito.

⁸ MARTINS, Ovídio. “A Seca” Caminhada, 1962. Retomado em 100 Poemas. p.15.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de. Antologia Temática de Poesia Africana. 3.ed. Lisboa: Sá da Costa, 1980.

CASTRO, Ferreira. Terra Fria, 12.ed. 44ª Milhar. Lisboa: Guimarães, 1980.

FERREIRA, Manuel. Literaturas Africanas de expressão Portuguesa. São Paulo: Ática, 1987 (Série Fundamentos).

LOPES, Manuel. Os Flagelados do Vento Leste. Autores Africanos. São Paulo: Ática, 1979.

MARGARIDO, Alfredo. Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

MOÍSES, Massaud. A Literatura Portuguesa. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

QUEIROZ, Rachel. O Quinze. 67ª ed. São Paulo: Siciliano, 2000.

RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 62ª ed. São Paulo: Record, 1992.

SANTILLI, Maria Aparecida. “Ecos do Modernismo Brasileiro (entre Africanos)”, in: Africanidade. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Elza Rodrigues dos. As Máscaras Poéticas de Jorge Barbosa e a Mundividência Cabo-verdiana. Lisboa: Caminho, 1989.